

Editorial

Na encruzilhada do ataque do coronavírus

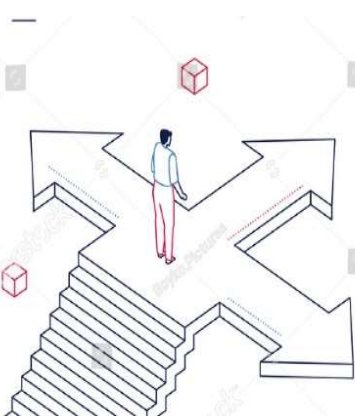
O isolamento social está no centro das medidas de combate à pandemia da Covid-19. Sem vacinas ou fármacos para combater a doença essa estratégia tornou-se a principal arma para conter a disseminação da doença segundo as orientações científicas dos principais órgãos sanitários e da Organização Mundial de Saúde.

Comportamentos associados ao medo são organizados em resposta a graus variados de ameaça. Perigos proximais como uma cobra ou um urso ensejam uma reação de fuga ou luta (de certa forma mimetiza uma reação de pânico), perigos distais como um ruído ou balançar de uma folhagem ensejam uma resposta de medo condicionado na medida em que sinalizam um predador camuflado ou escondido na floresta. Há ainda as chamadas ameaças potenciais que são criadas pela nossa imaginação como a possibilidade de queda de um avião com alguém próximo da gente. Enquanto a primeira condição simula uma resposta de pânico as duas últimas simulam situações de ansiedade. Há ainda, permeando essa cadeia de respostas, o comportamento de avaliação de risco que os animais exibem antes da tomada de decisão quanto a entrar ou não entrar em áreas que oferecem perigo. Os animais possuem um impulso inato para explorar o desconhecido, o que é novo. É essa motivação que levou o homem ao longo de sua história evolutiva a percorrer e explorar cada recanto desse planeta em busca do novo, do diferente. Regimes dinâmicos subjacentes aos estados cerebrais que se adaptam ao curso das demandas ambientais são ativados para fazer frente ao perigo.

No modelo animal de ansiedade conhecido como labirinto em cruz elevado muito usado em laboratórios de neurociências, o conflito do animal que decorre do binômio “explorar ambientes novos” e “ficar escondido em um dos braços seguros” do labirinto é inibido pelos ansiolíticos, de sorte que o animal acaba por sair da toca (braços fechados) se expondo ao ambiente aberto e à altura do labirinto (braços abertos). Enquanto a reação de defesa tem sido bastante investigada etológica e farmacologicamente no laboratório animal no que se refere às bases neurais do comportamento de defesa da presa em confronto com o predador essa abordagem pode ser também usada na análise da relação homem vs. coronavírus. Nesse contexto, o isolamento social como estratégia de combate ao coronavírus é eficiente porque simplesmente coloca em polos opostos o indivíduo (em casa) e o inimigo (no meio social). Qual a condição gerada pelo vírus se ele não é visível ou percebido pela audição ou pelo tato, embora afete o olfato e a gustação dias após o indivíduo ser contaminado. É provável que ele produza no homem as duas formas de ansiedade descritas acima embora há

relato de uma senhora no Mato Grosso do Sul que tenha fugido por duas vezes do hospital com medo de morrer da Covid-19, embora não pudesse mais escapar da doença pois já estava infectada pelo vírus. Se um assaltante nos ataca sufocando-nos enquanto dormimos a fuga e a luta podem não funcionar como estratégia de sobrevivência, mas utilizaremos toda a nossa força e reação de defesa que pudermos empreender para evitar a morte. Comparando ao ataque do vírus essa alternativa nem existe pois estaremos entubados à mercê do predador contando unicamente com nossas reservas orgânicas. Sem as alterações somáticas e autonômicas próprias da reação de defesa são instalados os respiradores mecânicos que nos aportam o oxigênio, que embora não seja nenhum antiviral recupera a energia de um organismo entregue e combalido.

Animais sob efeito de agentes ansiolíticos e submetidos ao labirinto em cruz elevado exploram os braços abertos como se fossem áreas seguras, isto é eles perdem o medo da altura e dos espaços abertos do aparato.. Entretanto, quando posteriormente eles são submetidos ao teste novamente, com ou sem administração de agentes



ansiolíticos o medo retorna, isto é eles não saem mais da toca para explorar o ambiente perigoso (condição conhecida como one-trial tolerance). Está demonstrado que o animal não explora os os espaços abertos como antes porque ele aprendeu onde mora o perigo em razão de sua experiência passada. Ele tem a exata dimensão do que é ser exposto a um predador em espaços abertos. Esse conhecimento faz parte de seu arsenal cognitivo.

O homem que não se contaminou ou não encontrou o vírus ao sair do isolamento uma vez não adquiriu essa experiência. Ele não possui esse conhecimento porque não foi infectado. É preciso que ele se conscientize do perigo que corre com esse encontro funesto. Sem esse conhecimento adquirido pela exposição direta ao vírus as pessoas continuam desrespeitando o isolamento social. Os relatos dos que passaram pela experiência traumática da Covid-19 que chegam a estes indivíduos ainda não foram suficientes para mantê-los em casa. As cenas dramáticas de quem viu seus entes queridos morrerem da Covid-19 ainda precisam ser mostradas repetidamente para que os indivíduos entendam que pode não haver uma segunda chance para que eles aprendam que correm sério risco de vida se não adotarem o isolamento social. Em sendo um processo cognitivo o indivíduo precisa saber e ter certeza de que o vírus dispensa apresentações. Todos, sem exceção, devem trabalhar em uníssono para consolidar essa estratégia de conscientização da população, essencial na luta contra o coronavírus.

Nessa linha deve ser destacada a posição do ministro Rogério Rogério Schietti Cruz, do Superior tribunal de Justiça (STJ), criticando duramente a atuação do presidente Jair Bolsonaro contra o isolamento social frente à crise do novo coronavírus " tirando o Brasil e os Estados Unidos, talvez em nenhum outro país o líder nacional se coloque, ostensiva e irresponsavelmente, em linha de oposição às orientações científicas de seus próprios órgãos sanitários e da Organização Mundial de Saúde".

INeC - Av. do Café, 2450, Vila Tibério,14050-220 Ribeirão Preto, São Paulo

homepage://www.cerebro-inec.org

